

GRENALIZAÇÃO NA COPA DO MUNDO: POLÍTICA IDENTITÁRIA NA ESCOLHA DA ARENA PORTO-ALEGRENSE

GRENALIZATION ON WORLD CUP: IDENTITY POLITICS IN THE CHOICE OF THE PORTO-ALEGRENSE ARENA

ANDRÉ LUIZ MARANHÃO DE SOUZA LEÃO¹
BRUNO RAFAEL TORRES FERREIRA²
VICTOR PESSÔA DE MÉLO GOMES³

RESUMO: A escolha do estádio-sede de Porto Alegre para a Copa do Mundo se deparou com uma das maiores rivalidades clubísticas do país, a qual levou à criação do termo grenalização, que designa como esta polarização adentra espaços além do futebol, o que articulamos como uma política identitária. O Beira-Rio foi escolhido, mas não sem polêmica e a insistência, do lado gremista, de que a Arena do Grêmio teria um projeto adequado e de que o Internacional teria sido privilegiado. O presente trabalho teve por objetivo avaliar os argumentos presentes nos discursos em torno das novas arenas. Para tal, acessamos três posições discursivas sobre o assunto: dos organizadores, da imprensa e da sociedade. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, observações diretas e documentos. O método usado foi a Análise de Discurso Foucaultiana. Como lente teórica, adotamos a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe. Nossos achados apontam para três formações discursivas: uma sobre a grenalização no contexto da escolha do estádio e mais uma relativa a cada posição antagônica. Concluímos que o discurso colorado conseguiu se estabelecer como hegemônico, por ter assumido um significante vazio que localizou a polêmica em torno da discussão de aspectos técnicos da construção das arenas, o que contribuiu com a legitimação da escolha do Beira-Rio.

PALAVRAS-CHAVE: Arenas da Copa do Mundo, Grenalização, Pós-estruturalismo, Teoria do Discurso, Análise de Discurso Foucaultiana.

ABSTRACT: The choice of Porto Alegre's host stadium to World Cup faced with one of the greatest club rivalries in the country, which led to the creation of the term grenalization, which designates how this polarization enters spaces beyond football, what we articulated as an identity politics. Beira-Rio was chosen, but not without controversy and the insistence, by gremist side, that the Arena do Grêmio have a suitable project and that Internacional would have been privileged. This study aimed to evaluate the arguments presented in the discourses around the new arenas. To do this, we accessed three discursive positions: those from the tournament organizers, the press and the society. Data were collected through interviews, observations and documents. The method used was Foucauldian Discourse Analysis. As theoretical lens, we adopted Laclau and Mouffe's Discourse Theory. Our findings

Data de submissão: 25/07/2017 Data de aceite: 14/05/2018 Data de publicação: 02/06/2018

1 PhD degree in Management from Federal University of Pernambuco, where he is associate professor at the Management Department (DCA/UFPE) and faculty member of the Management Graduate Program (Propad/UFPE)

2 Doutorando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (Propad/UFPE). Possui graduação em Administração (2010) e graduação em Desenho Industrial/Programação Visual (2004), ambas pela Universidade Federal de Pernambuco

3 Graduando em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

point to three discursive formations: one on the grenalization in the stadium choice context and one for each antagonistic position. We conclude that colorado discourse was able to establish itself as hegemonic, for has taking an empty signifier that located the controversy in the discussion of technical aspects of the arena's construction, what contributed to legitimize the choice of Beira-Rio.

KEY WORDS: World Cup arenas, Grenalization, Post-structuralism, Discourse Theory, Foucauldian Discourse Analysis.

1 INTRODUÇÃO

A realização da Copa do Mundo Fifa 2014, no Brasil, apresentou-se como uma oportunidade de crescimento econômico e materialização de investimentos necessários às instalações futebolísticas do país, ainda que se questione os ganhos e os legados deixados pela competição, como podemos ilustrar com estudos realizados sobre os impactos da Copa na África de Sul, no que diz respeito aos aspectos econômicos e sociais (e.g. BRIEDENHANN, 2011; CORNELISSEN, 2011; GIAMPICCOLI; NAURIGHT, 2010; MOLLOY; CHETTY, 2015; PLESSIS; MAENNIG, 2011; NGONYAMA, 2010), como também à imagem do país anfitrião (Maguire, 2011) e à polêmica envolvendo a construção de arenas para a Copa (BALOYI; BEKKER, 2011); outros, no entanto, demonstram visão positiva sobre o evento (LEPP; GIBSON, 2010).

Em termos de infraestrutura, previu-se um investimento da ordem de 0,7% do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados-sede; quanto aos estádios, o governo responsabilizou-se, por meio do BNDES, ao aporte de recursos financeiros destinados à construção das novas arenas que abrigaram os jogos da Copa (DOMINGUES et al., 2011).

No Rio Grande do Sul, a disputa para decidir qual clube seria agraciado com a escolha de seu estádio para receber jogos da Copa do Mundo envolveu as duas principais agremiações da capital, Grêmio e Internacional. Os dois clubes possuem uma rivalidade histórica, datando do início do séc. XX, e que dentro das quatro linhas é temperada por jogos antológicos, quebra de hegemonias e títulos nacionais e internacionais; fora dela, revolve sobre questões e tradições locais e à própria demarcação identitária (MASCARENHAS, 2005).

O acirramento da competição entre colorados e gremistas levou à criação de um termo que designa essa oposição: grenalização. Derivado do nome que comumente se dá aos jogos envolvendo os clubes, o Gre-Nal, a grenalização representa a polarização entre as torcidas dos dois clubes para além do futebol, atingindo aspectos da vida cotidiana. Caracteriza-se como um constante estado de disputa, que determina a identidade e posições dos torcedores, influenciados pelos ganhos que seu clube possa obter ou perdas que o clube rival venha a sofrer (SAMIOS; XAVIER, 2013). Inicialmente previsto apenas para os adeptos do Grêmio e Internacional, o termo começou a ser utilizado para caracterizar a intensificação da competitividade entre torcedores rivais de outras equipes (e.g. ANJOS, 2014).

A disputa entre o clube gremista e o colorado na escolha do estádio gaúcho para jogos da Copa não ocorreu sem polêmicas: o Comitê Organizador Local da Copa (COL) optou pela escolha do Beira-Rio; todavia, em dezembro de 2012, por meio de financiamento público-privado, o Grêmio inaugurou a Arena do Grêmio, com plenas condições de receber os jogos oficiais, enquanto que o Beira-Rio ainda se encontrava em fase de planejamento (LEPIANI, 2012). Muito se questionou o fato de o COL não ter optado pela mudança para a Are-

na do Grêmio; tais críticas aumentaram com problemas de orçamento, infraestrutura e atrasos ocorridos na reforma do Beira-Rio (ALLIATTI, 2011).

Em meio a esta celeuma, as posições de muitos colorados e gremistas permaneceram opostas, em defesa dos projetos de seus clubes (vide BENITES, 2011; PEIXOTO, 2012). Outros, entretanto, apontam como a grenalização tem prejudicado não apenas o futebol, mas o discernimento dos torcedores (vide OLIVEIRA, 2015). No caso da escolha da arena gaúcha para a Copa, fica evidente como esta rivalidade alcançou o campo político-econômico estadual e federal.

Em observância a esse fenômeno, que faz a rivalidade entre gremistas e colorados ser extrapolada para outras searas da vida social, tendo como evento mais recente a polaridade com respeito à escolha da sede oficial do Rio Grande do Sul para a Copa do Mundo de 2014, buscamos com este estudo responder a seguinte questão: **Que argumentos estão presentes nos discursos em torno das novas arenas gaúchas?**

Para responder a esse questionamento, nos utilizamos do arcabouço analítico da Teoria do Discurso, de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, suportada pela Análise de Discurso Foucaultiana, que emprestaram o ferramental necessário para esmiuçarmos os discursos em categorias inteligíveis e passíveis de análise. Tal abordagem alinha-se a uma orientação epistemológica pós-estruturalista, abordagem de caráter crítico cada vez mais amplamente adotada nos estudos organizacionais.

Por outro lado, trata-se de um recorte de análise acerca dos impactos da realização da Copa do Mundo no Brasil que se debruça sobre um panorama político-econômico, que evidencia um imbricamento entre a força do futebol num cenário que extrapola o campo desportivo e o arranjo estabelecido entre interesses público e privado. Tal aspecto é observado sob a lente da administração pública brasileira, trazendo à tona como diferentes orientações de gestão se sobrepõem, evidenciadas na forma como parcerias público-privadas (PPP) são influenciadas pelos interesses do poder público, o que se desdobra na forma como é alocado o uso de recursos públicos em empreendimentos da iniciativa privada.

A LÓGICA EMPRESARIAL NO CONTEXTO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Dentre os diversos modelos empregados na gestão da máquina pública em anos recentes, o *New Public Management* (NPM) foi o de maior destaque e mais amplamente utilizado. O NPM busca simular a lógica empresarial às ações públicas, tendo como premissa a eficiência e a qualidade de performance dos atos governamentais, e vem a substituir o modelo burocrático weberiano, marca da administração pública na maior parte dos países ocidentais do início do século XX (ASHWORTH et al, 2013; SECCHI, 2009).

Seguindo a tendência mundial, a primeira metade do século XX viu a burocracia weberiana estabelecer-se como modelo organizacional aplicado à gestão pública brasileira. Esse padrão foi uma resposta ao modelo pré-burocrático, de administração patrimonialista, que vigorava no país. Sob esta, tornava-se indistinguível, aos olhos dos governantes, o que era patrimônio público ou privado, levando a situações de nepotismo, corrupção e práticas personalistas dentro da administração pública brasileira (BRESSER-PEREIRA, 2006; SECCHI, 2009).

É importante notar que a mudança de um regime de gestão para outro não ocorre de forma imediata e pacífica. Durante toda a gestão pública brasileira, é possível observar a sobreposição entre o passado e o presente, numa espécie de administração híbrida, em que

a gestão moderna convive com práticas arcaicas, resquícios da administração patrimonialista no país, que ainda persiste (BRESSER-PEREIRA, 2006; SECCHI, 2009).

Além disso, ao longo do processo evolutivo da administração brasileira, observa-se, dentro do espectro político, a inserção de práticas populistas que vem a influenciar a gestão pública nacional. Nesse aspecto, o populismo, *modus* político comum entre as nações latino-americanas, caracterizado pela liderança carismática, discurso distributivista e amálgama entre as práticas políticas sociais, demagógicas e autoritárias, permeou a política brasileira ao longo dos anos — com destaque para os governos Vargas (1951-1954), Goulart (1961-1964) e Lula (2003-2011) —, afetando diretamente a gestão da máquina pública (FONSECA; MONTEIRO, 2005; MARQUES; MENDES, 2006).

No modelo burocrático o Estado torna-se mais racional e impessoal; cria-se uma clara divisão entre políticos e administradores, e passa-se a valorizar a especialização técnica dos seus agentes (BRESSER PEREIRA, 2006; SECCHI, 2009). Todavia, ele se demonstrou limitado para lidar com os movimentos econômicos e sociais que passaram a ocorrer no país. O avanço do capitalismo como lógica econômica mundial e o aumento da demanda social por mais serviços a serem oferecidos pelo Estado se tornam incompatíveis com a morosidade e ineficiência do modelo burocrático (BRESSER PEREIRA, 2006).

Deste modo, a partir da segunda metade do século XX houve uma tentativa de aplicação de princípios do NPM na Administração Pública nacional, como forma de melhorar a eficiência estatal, diminuir o déficit público, conter os gastos e incentivar a participação do terceiro setor e da sociedade nos processos de políticas públicas. Essa tentativa foi concretizada na Reforma do Aparelho do Estado de 1995 (PAES-DE-PAULA, 2005; BRESSER PEREIRA, 2006; SECCHI, 2009). Com esta reforma, buscava-se não apenas implantar um novo modelo de gestão da máquina pública, mas estabelecer uma nova cultura de gestão baseada no gerencialismo (PAES-DE-PAULA, 2005). A reforma gerencialista brasileira, apesar do protesto de seus concebedores, por vezes é encarada como uma “reforma neoliberal”, sobretudo quando se observa o modo como os governos dos anos 1990 operaram a máquina pública e adotaram políticas de “Estado mínimo” (BRESSER PEREIRA, 2006).

Concomitante à instauração do modelo gerencial, outros modelos de gestão pública, baseados no NPM, foram sugeridos como complemento a este. A Governança Corporativa — que preconiza a *accountability* e o controle público —, teve forte adesão mundial e atuou como complemento às reformas gerencialistas (BENEDICTO et al, 2013). No caso brasileiro, porém, percebe-se uma dificuldade em se pôr em prática os princípios da governança corporativa na Administração Pública, que parecem estar fragmentados e ter eficiência reduzida (PECI; PIERANTI; RODRIGUES, 2007).

Outro modo de reger a Administração Pública é o modelo sistêmico. Esta nova forma de administrar, que apresenta características do NPM e da governança corporativa, visa facilitar a práxis pública ao possibilitar a simbiose entre os diversos atores sociais (KLERING; PORSSE, 2014). O modelo sistêmico propõe uma abordagem mais participativa, que busca integrar a população nos diferentes processos de elaboração e tomada de decisão das políticas públicas do Estado (FREITAS et al., 2012). Este processo cria uma rede de *networking* constante entre entidades públicas e privadas e promove a solução de experiências locais por meio de canais participativos e institucionais (KJÆR, 2011; FREITAS et al., 2012; ANGNES et al, 2013). Ainda de utilização descentralizada, o modelo sistêmico vem sendo adotado na Administração Pública mundial e brasileira e tem obtido resultados mistos (e.g. ANGNES et al, 2013; FREITAS et al., 2012). Nestes casos, percebeu-se, por um lado, uma melhora da prestação dos serviços públicos por meio da descentralização e, por outro, uma grande con-

centração de controle e piora da autonomia ao se tentar diluir as responsabilidades públicas para os governos locais (AWORTWI, 2011).

Uma das práticas comuns dentro do modelo de descentralização, e de larga utilização na construção das arenas, são as parcerias público-privadas (PPP). Nas PPP, observa-se um acordo contratual, de mútuo interesse e riscos compartilhados, entre os entes público e privado. Ao ente privado, cabe a realização do serviço público contratado e recebimento dos valores destinados a este; o ente público, por sua vez, deverá assegurar o pagamento acordado e monitorização do serviço realizado (BRINKERHOFF; BRINKERHOFF, 2011). O uso deste tipo de parceria tem gerado resultados positivos em economias bastante divergentes (BRINKERHOFF; BRINKERHOFF, 2011; YANG; HOU, 2013). Apesar dos bons resultados obtidos com a utilização das PPP, essa ainda suscita discussões e expõe alguns aspectos negativos, tais como o desequilíbrio de riscos e responsabilidades pertinentes às partes envolvidas na celebração dos acordos (LIMA; COELHO, 2015), bem como na interferência de grupos de interesses na celebração dos contratos (FERNANDEZ et al., 2014).

Com relação à atuação pública na Copa do Mundo, em 2010 o Governo Federal apresenta o documento intitulado Matriz de Responsabilidades, no qual estão previstos os investimentos público e privado com obras de melhoria para a infraestrutura da cidade e dos estádios que receberão os jogos. Dos 23,4 bilhões previstos para investimento, mais de 70% — 16,7 bilhões — foram previstos como suportados pela administração federal. Tal fato evidencia o desequilíbrio entre os dois entes e a pequena participação da iniciativa privada (DALONSO; LOURENÇO, 2011; DOMINGUES et al, 2011). Parte destes investimentos foram previstos para obras que posteriormente seriam geridas pelo setor privado, que receberiam os ganhos de uso (NEVES, 2015). Outrossim, além do aumento do endividamento público, a infraestrutura construída sofre o risco de ser subutilizada, em especial os estádios, gerando os chamados “elefantes brancos”, a exemplo do que ocorrera em outras grandes competições internacionais, como as Olimpíadas na Grécia e a Copa do Mundo na África do Sul (BARCLAY, 2009).

Este tipo de relacionamento público-privado existente no Brasil não é novidade. Em 2007, nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, o discurso inicial era de que o legado da competição seria para o bem-estar e usufruto da população. Ao fim, as instalações construídas por meio de recursos públicos passaram ao controle da iniciativa privada (BEHNKEN; GODOY, 2009; CURI, 2013). Em competições mais recentes, o legado deixado por estes eventos ainda é alvo de questionamentos. O mundial de 2014, apesar do sucesso desportivo e de público, tem seu legado em xeque por não se ter finalizado todas as obras associadas ao evento, assim como as novas arenas construídas ou reformadas registram, na média, pouco público e até desuso (SOUZA, 2016). Por outro lado, os ganhos percebidos com a realização das Olimpíadas 2016, também no Rio de Janeiro, ainda são mistério a ser solucionado e já se evidencia a não utilização dos equipamentos esportivos construídos para o evento (FELLET, 2016).

IDENTIDADE POLÍTICA NA TEORIA DE LACLAU E MOUFFE

Como base para interpretação dos nossos achados, adotamos a noção de identidade política conforme sua articulação na Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Antes de apresentá-la, no entanto, problematizamos a questão da política da identidade no contemporâneo.

Desde a segunda metade da década de 1960, a questão da identidade tem ganhado grande espaço na teoria política e social (BENNET, 2012). Numa revisão da postura marxista tradicional, a ideia de uma política da identidade passa a ocupar um lugar antes preenchido pela noção de luta de classes (RUTHERFORD, 2010), numa transição que fez surgir e se consolidar os chamados novos movimentos sociais, em paralelo ao enfraquecimento do movimento trabalhista (CASTELLS, 2015). Assim, ganha espaço, no debate político de esquerda, a concepção de políticas de identidades particulares, referentes a minorias políticas normalmente oprimidas, tais como as mulheres, os negros e os homossexuais (BELTRAN, 2010; WHISMAN, 2012).

Não por acaso, o debate sobre a política da identidade coincide com a propagação da compreensão de que a sociedade contemporânea estaria se movendo rumo a uma condição pós-moderna (FORMAN, 2010; IVIC; LAKICEVIC, 2011). Uma noção central para o entendimento deste fenômeno passa pela concepção de Lyotard (2010) de que estaríamos passando a lidar com pequenas narrativas em substituição às metanarrativas da modernidade (e.g., progresso, emancipação). Assim, a política da identidade encontra-se alinhada à ideologia do multiculturalismo, que, em oposição ao etnocentrismo, advoga em prol da diversidade cultural na sociedade (MEER, 2010).

Os discursos das políticas da identidade encontram-se fortemente representadas em abordagens teóricas ligadas ao pensamento pós-estruturalista, tais como a teoria feminista, o pós-colonialismo e a teoria *queer*. Com isto, encontramos um importante ponto a ser problematizado: grosso modo, uma das características mais comuns das diferentes teorias e abordagens pós-estruturalistas está em sua centralidade na lógica da diferença, que implica no questionamento da noção de identidade. Uma das alegações mais contundentes do pós-estruturalismo é o rechaço à dialética hegeliana e sua lógica de identidade, que adota a diferença como oposição ao outro e, nisto, a própria condição de ser. É com base nesta mesma tradição dialética que está fundamentada a luta de classe marxiana. No pós-estruturalismo, no entanto, a tendência é a de se compreender a diferença como instância própria, diferença de si, que gera o particular ou o singular. Algumas noções interligadas que são preciosas a essa corrente de pensamento embasam esta visão: o rechaço à noção dos universais e à essência das coisas, uma vez que não aceita que haja um fundamento último que embase qualquer conhecimento (CILLIERS, 2011).

Entretanto, alguns pós-estruturalistas de corrente pós-marxista buscam, ou terminam por conciliar essa base a certos princípios da dialética hegeliana. Essa postura, no que concerne à política da identidade, tende a questionar o que seria um relativismo exacerbado em relação a esse debate. Assim, de forma mais radical, Žižek (1997) argumenta que o multiculturalismo — e, por decorrência, sua política de identidade — seja a própria forma ideal da ideologia do capitalismo global, uma vez que seria um tipo de racismo auto referencial e invertido, que lida com as outras identidades como sendo comunidades autênticas fechadas em si mesmo e, assim, esvazia sua própria posição de todo conteúdo positivo possível.

Laclau e Mouffe (2014), por sua vez, desenvolvem uma noção de identidade política que busca conciliar o particular e o universal. Para entendê-la, no entanto, faz-se necessário articularmos em meio à Teoria do Discurso elaborada pela dupla. Os autores argumentam que a noção da identidade de classe do marxismo clássico deve ser substituída pela de identidades hegemônicas. Segundo eles mesmos, hegemonia é a categoria central de sua análise política. Para eles, hegemonia é uma construção discursiva capaz de ancorar diferentes discursos. Não se trata, pois, de uma posição privilegiada e estável, uma vez que o discurso, requerido à possibilidade de uma relação de representação hegemônica, é sempre contin-

gente. É importante dizer que ao discurso os pensadores atribuem um estatuto ontológico, definindo o próprio social como um espaço discursivo. Neste sentido, identidades políticas não são pré-concebidas; são constituídas e reconstituídas por meio do debate na esfera pública.

Laclau e Mouffe (2014) argumentam que essa constituição das identidades ocorre por meio de mediações não-dialéticas. Entretanto, eles estão aqui se referindo à noção hegeliana de dialética. De fato, para darem conta de sua noção de representação hegemônica, os filósofos elaboram um tipo particular de dialética, baseada no que denominam de lógica de diferença e de lógica de equivalência. Por um lado, os diferentes atores sociais ocupam posições diferenciais nos discursos que constituem o tecido social, o que os torna particulares. Por outro, diferentes posições podem se unir em conjuntos de particularidades que estabelecem equivalências entre si, criando cadeias de equivalências, que são a representação de um universal. Temos aqui a concepção de relação hegemônica, que é aquela em que certa particularidade assume a representação de uma universalidade, por meio da lógica da equivalência. Essa relação, por sua vez, pode ser desarticulada se seu espaço discursivo for dominado pela lógica da diferença.

Temos, pois, que, apesar de rechaçarem uma noção totalizante de universalismo, Laclau e Mouffe (2014) entendem que seja inevitável que uma relação hegemônica tenha uma dimensão universalista. Entretanto, trata-se de uma concepção de universalismo que é sempre contaminada, uma vez que está numa constante tensão entre o universal e o particular e que tem sua função hegemônica sempre suscetível a uma reversão. Por outro lado, ainda que os autores celebrem a constituição identitária de forma não dialética, sua própria dialética estabelece uma relação de alteridade; como eles mesmos afirmam, a uma política radical é inevitável a definição de um adversário. Assim, a lógica de equivalência permite que diferentes identidades políticas lutem contra um mesmo oponente, ainda que estas sejam irreduzíveis umas às outras, podendo, com isto, que suas particularidades, por meio da lógica de diferença, quebrem, a qualquer momento, essa universalidade. Assim, no cerne dessa luta política estabelecida pela cadeia de equivalência está a concepção de antagonismo. A lógica de equivalência busca reduzir a complexidade típica da lógica de diferença e, assim, estabelece um espaço político reduzido a dois discursos antagônicos. Apesar disto, não reduz esta luta a uma disputa entre duas identidades plenas, já que as identidades particulares se mantêm vivas nas diferenças.

A luta pelo estabelecimento da representação hegemônica encontra-se na busca de se fixar certos sentidos. Apesar da impossibilidade de se fixar sentidos em definitivo, a posição hegemônica é aquela que consegue fixar sentidos provisórios que atuam como discursos dominantes e servem de pontos, denominados por Laclau e Mouffe (2014) como nodais, em torno dos quais orbitam as identidades. Os autores consideram esses pontos nodais como significantes vazios, justamente por não possuírem significados estáveis, sendo capazes de se adaptar a diferentes demandas políticas. Por outro lado, são significantes privilegiados, uma vez que balizam a articulação de diferentes agentes políticos.

As posições antagônicas disputam a ocupação desses pontos nodais, de forma a determinar, ainda que provisoriamente, as formações hegemônicas de um campo discursivo. É assim que a política da identidade, em Laclau e Mouffe, se trata da constituição de identidades hegemônicas, uma vez que, em sua teoria, toda identidade política busca preencher um espaço de hegemonia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso estudo insere-se no contexto da pesquisa qualitativa de perspectiva crítica, de corrente pós-estruturalista. Outrossim, caracteriza-se por seu caráter indutivo, optando-se, em suas fases iniciais, pela investigação sob uma lente epistemológica definida, mas liberta de referencial teórico particular, adotado *a posteriori* para interpretação dos resultados (Leão *et al.*, 2009).

O método adotado foi a Análise de Discurso Foucaultiana. Nesta abordagem, procede-se ao exame dos discursos com vistas à identificação das formações que os compõem, por meio da identificação de seus enunciados. Para Foucault (2014), as formações discursivas são formadas por enunciados, os quais possuem determinadas funções e obedecem a certas regras de formação. Tais categorias serviram como base analítica para a nossa pesquisa.

Desta forma, em um primeiro momento, procedemos à identificação de enunciados e suas funções correspondentes. Segundo Foucault (2014), **enunciados** são funções de existência que pertencem aos signos. Todavia, não se trata de uma estrutura ou de certas unidades, mas de funções que cruzam domínios de estruturas e análises, revelando temas concretos, delineados num tempo e em certos espaços. Ainda que se refiram a signos, os enunciados não são identificados em signos ou agrupamentos de signos particulares, como também podem não se constituir isoladamente, haja vista a existência de relações entre enunciados.

A **função enunciativa** possui estreita ligação com a noção de enunciados, numa relação de complementaridade. A função enunciativa determina a forma como o enunciado age, atuando nos espaços de diferenciação do discurso, produzindo a própria diferença, e exaltando a subjetividade presente nas diferentes vozes. Ademais, a função enunciativa é responsável pela materialização e pelas inúmeras possibilidades de uso que os enunciados carregam (Foucault, 2014).

As formações discursivas, por sua vez, seguem determinadas regras de formação, tais como existência, coexistência, manutenção, modificação e desaparecimento. Quatro **regras de formação** foram apresentadas por Foucault (2014): os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias. Os objetos encontram-se definidos pelas especificações, delimitações e lugares postos pelo enunciado. As modalidades enunciativas referem-se ao modo ou estilo como os sujeitos expressam os enunciados, a partir de sua posição. Os conceitos dizem respeito aos sentidos atribuídos ao enunciado, estando estes restringidos a um campo enunciativo delineado. Finalmente, as estratégias apresentam os modos como o discurso é conduzido por certas ideias, temas, teorias, que designam seus pontos de difração (incompatibilidade e equivalência), como também revelam tanto as escolhas do que foi incorporado ao discurso quanto as funções deste discurso sobre um campo de práticas não discursivas.

Sendo assim, as **formações discursivas** derivam do agrupamento de enunciados e funções enunciativas sujeitas às regras de formação que possibilitaram a condição de sua existência. Para Foucault (2014), a dispersão dos discursos é uma norma. Deste modo, a análise do discurso permite a compreensão do discurso a partir de certa estrutura e regularidade, ao proceder ao estudo de suas formações.

Assim, nossa análise inicia-se pela identificação de enunciados, para em seguida estabelecer as possíveis relações entre estes. Optamos por classificar estas relações em dois tipos: síncronas, quando se refere a enunciados mutuamente explicativos — para os quais

usamos retas; e incidentes, quando referente a enunciados que explicam outros enunciados — para os quais utilizamos setas. Tal classificação tem como objetivo facilitar a identificação das funções enunciativas, que serão examinadas posteriormente. Importante notar que diferentes enunciados podem ser identificados em relação a uma mesma função, ao passo que uma mesma função pode associar-se a mais de um enunciado.

A segunda etapa consiste na identificação das regras de formação. Nesta etapa analisamos as regras de formação tendo em vista seus critérios previamente expostos, quais sejam: objeto, modalidade discursiva, conceito e estratégia. O exame conjunto dos enunciados e funções enunciativas, e de como se dá o desencadeamento das regras de formação a partir destes, propicia a elaboração das formações discursivas.

O conjunto de dados utilizados na pesquisa obedece ao que Foucault (2014) denominou como arquivo. Segundo este, arquivo é um conjunto de práticas discursivas que permite o surgimento de enunciados. Tendo por base nossa pergunta de pesquisa, optamos por organizar nosso arquivo em três categorias distintas: o **discurso oficial**, que engloba as práticas discursivas de agentes e instituições ligados à organização do evento; o **discurso da mídia**, que se refere às práticas discursivas da imprensa e à cobertura midiática feita sobre a organização do evento; e o **discurso da sociedade**, relativo às práticas discursivas da população e de órgãos civis criados com o objetivo de fiscalizar a organização do evento.

A constituição do arquivo foi baseada em dados documentais, observação direta e entrevistas. Nossa primeira visita à cidade ocorreu no mês de maio de 2014, quando realizamos **entrevistas em profundidade** com dois jornalistas de jornais de grande circulação em Porto Alegre e 11 **entrevistas etnográficas** com moradores da capital gaúcha. No mês seguinte, durante a Copa do Mundo, outras 14 **entrevistas etnográficas** com moradores locais foram realizadas. Nas duas ocasiões realizamos **observação** em pontos da cidade com obras relacionadas à realização da Copa e no entorno dos dois estádios (Beira-Rio e Arena do Grêmio).

Os **documentos** levantados por meio da Internet foram obtidos de diferentes fontes: de sites oficiais de órgãos governamentais (Portal Brasil, Portal da Copa, resoluções do Grupo Executivo da Copa do Mundo, secretarias extraordinárias do estado e da cidade-sede, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Prefeitura da Cidade de Porto Alegre) e do site da FIFA, representando o discurso oficial; de sites de entidades e associações da sociedade civil (Instituto Millenium, Pública, A Nova Democracia, Portal Popular da Copa, Folha Política, Portal 2014, Implicante, Folha Política), representando o discurso da sociedade; e, por fim, de sites jornalísticos e blogs de jornalistas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul (Correio do Povo, Zero Hora, Jornal Gazeta do Sul, Blog Catimba Colorada, Grêmio Libertador, Blog Porto Imagem, Celeuma Colorada, Grêmio1903, Entrevero Pampeano), de cobertura nacional (UOL, BBC Brasil, Terra, Estadão, ESPN, Lancenet, G1, Juca Kfourri, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, Portal R7) e internacional (New York Times, BBC, Billboard, Next City, World Property Journal). Em razão da intertextualidade que caracteriza a escrita jornalística, foi possível identificar, nesse *corpus*, não apenas o discurso da mídia, mas também os outros dois, haja vista a existência de menções dos outros discursos em um mesmo texto. Ao todo, foram coletados 101 documentos, publicados entre outubro de 2010 e junho de 2015.

Finalmente, de modo a garantir qualificação método-analítica ao estudo, buscamos atender os critérios de qualidade da pesquisa qualitativa (PAIVA JR *et al.*, 2011). Assim, a análise dos dados foi feita de modo **triangulada**, feita, primeiro, por um par de pesquisadores e posteriormente validada por um terceiro pesquisador, de maior experiência e responsável pela coordenação do projeto. Todo o processo avaliativo foi realizado com **reflexibili-**

dade, processo em que a interpretação dos dados é questionada e reavaliada continuamente e confrontada constantemente à teoria empregada. Visou-se também, à vista de como o arquivo foi construído, atender à noção de **representatividade do corpus de pesquisa** em relação ao objeto investigado, por meio da cobertura de todos os discursos definidos, localizados em fontes institucionalizadas. Por fim, não obstante a restrição de tamanho, o presente artigo objetivou apresentar uma **descrição rica e detalhada** do estudo.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Descrevemos, nesta seção, os resultados de nossa pesquisa. Primeiro apresentamos as bases constitutivas (enunciados, funções enunciativas e regras de formação) das formações discursivas aqui identificadas que, por sua vez, são descritas na sequência. Optamos por tal modo de apresentação por visar tornar a apresentação e descrição das formações discursivas mais fluida.

Elementos das formações discursivas

Como primeiro grupo de elementos constitutivos das formações discursivas apresentamos os enunciados. Para intitula-los, usamos proposições afirmativas, de forma a comunicar suas características e significados em seu contexto. Dos 17 enunciados identificados, 9 foram observados exclusivamente em um dos discursos, sendo dois no discurso da mídia e sete no discurso da sociedade. Observando a presença de enunciados em mais de um discurso, temos que cinco deles foram identificados tanto no discurso da mídia quanto da sociedade. Por sua vez, três enunciados foram identificados nos três discursos. Na Tabela 1 apresentamos o conceito e a descrição do modo como cada enunciado foi identificado, assim como a quais discursos foram atribuídos.

Tabela 1 - Enunciados

Enunciado	Descrição
Enunciados identificados exclusivamente no Discurso da Mídia	
Na disputa, os clubes rivais fizeram parcerias com empresas privadas	Indica que, ao longo da construção e reforma dos respectivos estádios, os dois clubes fecharam acordos com empresas privadas como forma de viabilização de suas empreitadas.
O governo local precisou dar iguais benefícios para os dois clubes	Declara que o governo local se viu compelido a oferecer benefícios/incentivos para a construção e reforma das arenas dos dois clubes, por receio de ser acusado de privilegiar um clube em detrimento de outro.
Enunciado identificado exclusivamente no Discurso da Sociedade	
A mídia favorece a Arena do Grêmio	Diz respeito a alegações de que a mídia estaria a favor do Grêmio, de modo a influenciar a opinião pública contra o Internacional.
A mídia favorece o Beira-Rio	Profere que a mídia estaria a favor do Internacional, de modo a corroborar a escolha do estádio colorado para sede dos jogos da Copa na cidade.
A reforma do Beira-Rio beneficia o Internacional	Alega que a reforma do Beira-Rio tem como principal beneficiado o clube colorado, apesar de ter, ali, recursos investidos para um evento específico e direcionado para a preparação da cidade.
A Arena do Grêmio mostrou-se melhor opção do que o Beira-Rio	Diz respeito a argumentos usados que sustentam a ideia de que o estádio do Grêmio seria a melhor escolha para sediar jogos da Copa, com base nos atributos do estádio e de sua construção.
É lamentável a Arena do Grêmio não sediar jogos da Copa	Argumenta sobre a indignação de parcela da população em não ter como sede de jogos da Copa o estádio do clube tricolor.
O Beira-Rio recebeu mais incentivos	Diz respeito à presença de alegações em torno de privilégios oferecidos ao

que a Arena do Grêmio	Internacional, sugerindo uma disputa desigual entre os clubes na busca por investimentos.
O Beira-Rio e Arena do Grêmio deveriam dividir os jogos da Copa do Mundo em Porto Alegre	Diz respeito ao modo como a população local entende ser a solução mais justa para o impasse que envolve os dois principais clubes do estado.
Enunciados identificados nos discursos da Mídia e da Sociedade	
A Arena do Grêmio foi construída dentro das especificações para receber jogos da Copa	Argumenta que o Grêmio construiu seu estádio seguindo as diretrizes apontadas como ideais para um estádio de Copa do Mundo e, assim, teria condições de sediar jogos da Copa.
A chegada da Copa do Mundo atizou a rivalidade entre gremistas e colorados	Profere que o anúncio de Porto Alegre como cidade-sede trouxe à tona a rivalidade histórica entre os dois clubes da capital gaúcha, uma vez que as definições em torno de sua preparação evidenciariam, direta ou indiretamente, a disputa entre os clubes.
A rivalidade dificultou a captação e o uso de recursos públicos e privados	Diz respeito ao fato de que, por conta da rivalidade existente na cidade, a destinação de recursos considerava a presença de reações negativas por parte dos clubes e seus torcedores.
O Beira-Rio é um estádio de classe mundial	O enunciado trata das características do estádio, colocando-o como um espaço de qualidade semelhante a outras arenas internacionais, justificando os investimentos realizados na reforma do estádio.
Questões políticas impediram a escolha da Arena do Grêmio para a Copa do Mundo	Profere que a escolha de qual estádio porto-alegrense seria usado para os jogos da Copa não levou em consideração prioritariamente fatores econômicos, logísticos ou de qualquer outro caráter técnico, mas arranjos políticos que acabaram por beneficiar o Internacional.
Enunciados identificados nos discursos da Mídia, Oficial e da Sociedade	
A reforma do Beira-Rio apresentou diversos problemas	Diz respeito a problemas enfrentados pelo Internacional durante a reforma do Beira-Rio: o discurso da sociedade articula que tais problemas denuncia uma escolha equivocada; já no discurso da mídia e no oficial, a situação é justificada pelo fato de problemas semelhantes terem sido encontrados em outras arenas da Copa.
Porto Alegre dispõe de dois estádios aptos à Copa do Mundo	Corroborar a ideia de que os dois estádios de Porto Alegre teriam condições de receber jogos da Copa, com base na qualidade dos dois espaços.
O Beira-Rio é o estádio de Porto Alegre mais adequado para receber os jogos da Copa	Profere que o estádio do Internacional foi a melhor opção para a realização dos jogos da Copa na cidade: nos discursos da mídia e da sociedade, devido à localização e à necessidade apenas de reformas — e não da construção de um novo estádio; no discurso oficial, como seu potencial legado, em justificativa que se ancora no uso anterior do estádio para eventos não relacionados diretamente ao futebol (e.g., shows).

Fonte: elaboração dos autores.

O próximo grupo de elementos é composto pelas funções enunciativas. Tais elementos foram construídos a partir de um verbo no infinitivo para, assim, indicar a ação presente nos enunciados aos quais se encontram relacionados. Na Tabela 2, apresentamos tanto uma descrição de cada função, como também referências empíricas.

Tabela 2 - Funções Enunciativas

Defender o uso da Arena do Grêmio como sede da Copa do Mundo	Executa a função de enumerar fatores e argumentos que apontam para a Arena do Grêmio como sede ideal para os jogos da Copa em Porto Alegre, com base nas características da arena.
Equiparar a Arena do Grêmio ao Beira-Rio	Exerce a função de apontar a qualificação da Arena do Grêmio, colocando-a em mesmo nível de qualidade do Beira-Rio.
Evidenciar a presença da Arena do Grêmio na realização da Copa do Mundo	Desempenha a função de indicar que, apesar de não ter sido usado como palco dos jogos da Copa, a Arena do Grêmio esteve presente na competição.
Evidenciar a rivalidade dos clubes	Tem por função ilustrar a presença da rivalidade histórica entre gremistas e

nos preparativos de Porto Alegre como cidade-sede da Copa do Mundo	colorados em Porto Alegre, destacando o impacto desta rivalidade nas ações do governo e das empresas privadas.
Ilustrar que o Beira-Rio teve problemas como outros estádios da Copa	Exerce a função de justificar os problemas ocorridos durante a reforma do Beira-Rio com base no fato disso ter acontecido com outros estádios escolhidos para a Copa.
Legitimar a escolha do Beira-Rio como estádio da Copa do Mundo	Executa a função de corroborar a escolha da arena colorado para a Copa em Porto Alegre, ressaltando as características do estádio.
Sugerir privilégio do Internacional com a reforma do Beira-Rio	Tem por função alegar que o Internacional foi beneficiado com a reforma de seu estádio, evidenciando o caráter político do processo de escolha da arena.

Fonte: elaboração dos autores.

As regras de formação compõem o terceiro grupo de elementos. Para os critérios componentes das regras aqui identificadas (objetos, conceitos, modalidades e estratégias), fizemos uso de substantivos e locuções substantivas (vide Tabela 3).

Tabela 3 - Critérios das regras de formação

Objetos	
Comparação (O1)	Diz respeito ao processo de confrontação dos dois estádios.
Disputa (O2)	Refere-se à presença da rivalidade entre os dois clubes.
Oposição (O3)	Faz referência à presença do rival, seja em comparações ou acusações.
Qualificação (O4)	Diz respeito a afirmações que evidenciam atribuições e qualificações de cada estádio em questão.
Conceitos	
Acusação (C1)	Revela a presença do sentimento de indignação com situações que ora prejudica o time que se torce, ora favorece o rival.
Corroboração (C2)	Evidencia o processo de legitimação de ideias apresentadas sobre os dois estádios em questão.
Força (C3)	Revela o processo de valorização de características e feitos observados em torno dos clubes e dos respectivos estádios.
Equiparação (C4)	Evidencia a presença de constatações e argumentos que colocam os dois estádios de Porto Alegre como espaços de atributos compatíveis.
Modalidades	
Contestação (M1)	Expressa a ideia de que existe privilégios em torno da escolha e reforma do Beira-Rio.
Legitimação (M2)	Exprime o modo como os dois clubes ressaltam as qualidades de seus respectivos estádios.
Rivalização (M3)	Expressa a presença do clima de rivalidade e de suas implicações.
Estratégias	
Afirmar superioridade (E1)	Ressaltar qualidades da Arena do Grêmio frente ao Beira-Rio.
Delatar favorecimento (E2)	Apresentar argumentos que ilustram/revelam o favorecimento ao Beira-Rio.
Expor equidade (E3)	Evidenciar argumentos que mostram não só a presença da comparação em si, mas também de características da Arena do Grêmio que a colocam no mesmo nível do Beira-Rio.
Ratificar escolha (E4)	Apresentar argumentos que corroboram a escolha do Beira-Rio.
Rechaçar acusação (E5)	Ressaltar a presença de argumentos que buscam rebater as acusações de beneficiamento.
Revelar disputa (E6)	Apresentar argumentos que ilustram a presença da rivalidade entre os clubes.

Fonte: elaboração dos autores.

Seguindo a lógica escolhida nos critérios componentes das regras, usamos locuções substantivas para denominar as regras de formação identificadas. Na Tabela 4 apresentamos tais regras de formação e suas respectivas descrições.

Tabela 4 - Regras de Formação

Jogo limpo	Reflete a ideia de que as condições para a escolha de qual estádio seria usado durante a Copa do Mundo foram justas e iguais para os envolvidos; revela-se, assim, que a escolha final foi a mais adequada.
Jogo sujo	Esta regra denuncia que a disputa entre os clubes se deu de forma inadequada, apontando, assim, para a presença de favorecimento para o Internacional.
Clube escolhido	A regra enfatiza a legitimação da escolha do Beira-Rio como estádio da Copa, apontando para virtudes que justificam a escolha do estádio.
Clube preterido	Esta regra aponta para virtudes do estádio do Grêmio, ao mesmo tempo que aponta para circunstâncias envolvendo o estádio rival e insatisfação com a escolha final.
Rival à altura	Reflete a ideia de que o estádio gremista se equipara ao estádio colorado; dada a presença de tal argumento, a ideia de uso dos dois estádios na Copa é defendida.
Rivalidade em campo	Esta regra aponta para circunstâncias e fatos que ilustram a presença e os impactos da rivalidade entre os dois clubes porto-alegrenses na organização da Copa do Mundo.

Fonte: elaboração dos autores.

A Tabela 5, por sua vez, apresenta a relação entre as regras de formação identificadas e os critérios componentes.

Tabela 5 - Relação entre regras de formação e seus critérios

	Objetos				Conceitos				Modalidades			Estratégias					
	O1	O2	O3	O4	C1	C2	C3	C4	M1	M2	M3	E1	E2	E3	E4	E5	E6
Jogo limpo			X	X		X				X						X	
Jogo sujo			X		X				X				X				
Clube escolhido				X		X				X					X		
Clube preterido			X	X	X		X			X		X					
Rival à altura	X							X	X					X			
Rivalidade em campo		X	X		X						X						X

Fonte: elaboração dos autores.

Formações discursivas

Como resultado de nossa análise, identificamos a presença de três formações discursivas. A primeira formação (ancorada por uma regra de formação) evidencia a presença da rivalidade histórica dos dois clubes na disputa pelo papel de protagonista durante a realização da Copa do Mundo na cidade. As outras duas formações discursivas, por sua vez, ilustram as bases que compõem o discurso hegemônico em torno da legitimação da escolha do Beira-Rio, enquanto a terceira constitui o discurso antagônico gremista e está ancorada por três regras de formação.

Nas subseções a seguir, apresentamos as três formações. Optamos por descrever tais formações a partir de feixes de relações compostos em sequência por regras, funções e enunciados que compõem as formações. Usamos dados empíricos para ilustrar cada feixe.

A grenalização da Copa em Porto Alegre

Esta formação discursiva está alinhada à rivalidade histórica entre Grêmio e Internacional e ao modo como tal rivalidade esteve presente na disputa pela escolha do estádio da cidade-sede para a Copa do Mundo. Com base na teoria adotada (vide seção 3), compreendemos esta rivalidade como uma política de identidade, em que ambas as torcidas porto-alegrenses buscam se posicionar como hegemônicas. Tal rivalidade, por sua vez, adentra não

apenas a esfera organizacional dos clubes, com impactos em suas parcerias mercadológicas, mas a política, tanto em sua relação com o papel influenciador da mídia quanto, no plano governamental, na medida em que, a despeito da lógica de eficiência gerencial e equiparação de riscos entre as iniciativas pública e privada preconizadas pela organização do mundial, ambos os clubes foram beneficiados pelo financiamento público de suas arenas.

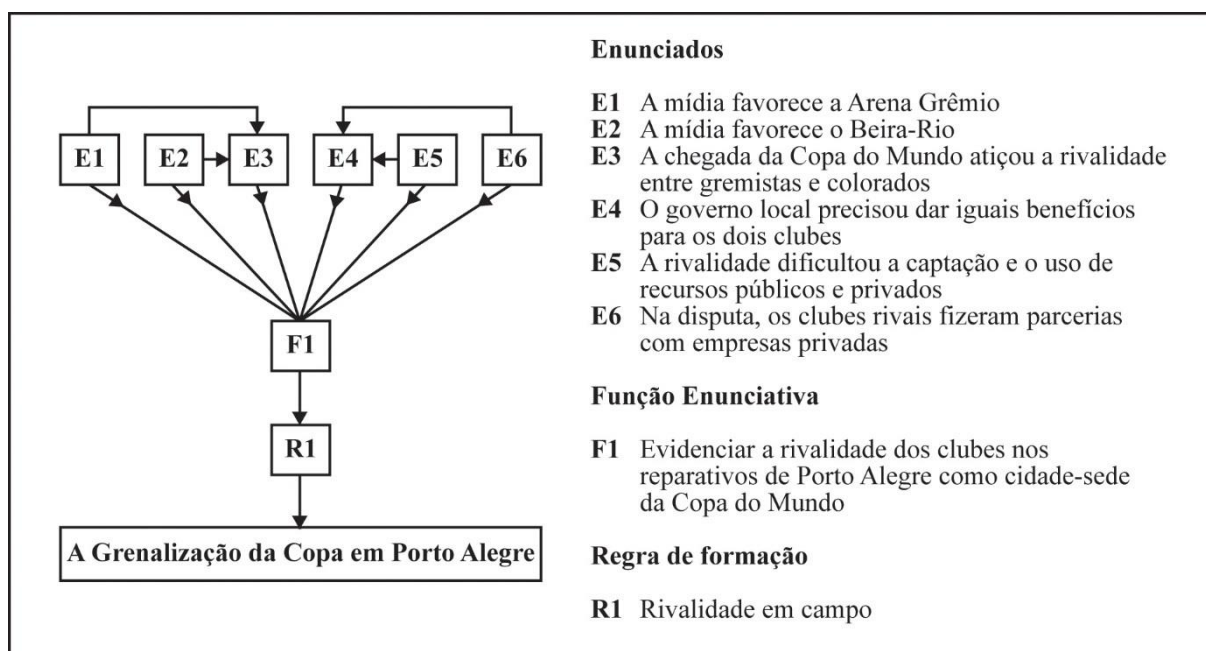


Figura 1 - Mapa de relações da primeira formação discursiva

Fonte: Elaboração dos autores.

A formação está ancorada pela presença de uma regra de formação, uma função enunciativa e seis enunciados (vide Figura 1). Enquanto as demais formações ilustram as duas posições envolvidas (como veremos a seguir), esta formação ressalta evidências dos dois discursos antagônicos, seja mostrando possíveis modos como essa rivalidade ganhou visibilidade em sua associação à Copa do Mundo (enunciados 1, 2 e 3), ou suas implicações econômicas e políticas (enunciados 4, 5 e 6). Os enunciados também se relacionam: no primeiro grupo, os enunciados convergem para a ideia da rivalidade evidenciada no enunciado a chegada da Copa do Mundo atçou a rivalidade entre gremistas e colorados; por sua vez, o segundo grupo tem no enunciado que trata das ações do governo frente aos impactos da rivalidade como ponto de incidência. Por fim, é importante mencionar que todos os enunciados desta formação se referem aos discursos da sociedade e da mídia. No primeiro grupo, o enunciado convergente advém de ambos, enquanto os demais apenas da sociedade. Assim, por um lado, evidencia-se o acirramento da rivalidade entre as torcidas por causa da escolha do estádio da cidade na Copa; por outro, esta rivalidade fica ainda mais evidente na medida em que cada torcida entende que a imprensa favoreça seu time rival. No segundo grupo, mídia e sociedade também convergem em relação ao destaque sobre a rivalidade, desta feita destacando como esta dificultou a captação de recursos; coube apenas à mídia, no entanto, anunciar as parcerias dos clubes com a iniciativa privada, bem como o fato do governo tê-los concedido benefícios equânimes. A ausência do discurso oficial nesta formação, por sua vez, pode indicar a intenção dos organizadores em passarem ao largo de qualquer polêmica relativa à grenalização.

Do primeiro grupo de enunciados, os trechos apresentados a seguir, retirados dos blogs Catimba Colorada (post publicado em julho de 2012) e Grêmio 1903 (publicado em setembro de 2011), respectivamente, ilustram os feixes derivados a partir dos enunciados **a mídia favorece a arena do Grêmio** e **a mídia favorece o Beira-Rio**:

[...] A imprensa já havia tomado sua decisão no ano passado. [...] Quando a obra atrasou, o Inter sofreu com o Grupo RBS. Mentiras, reportagens maldosas e todo tipo de pressão através de seu jornalismo parcial foram usados [...]. Tinha até contador de dias de quanto tempo a obra do gigante ficou parada. Sempre enfatizando a mudança de sede. Até manobra política foi tentada! Deputados GREMISTAS pressionavam o Comitê Organizador Local para a mudança de estádio. A diferença de tratamento dada pela imprensa esportiva do Rio Grande do Sul aos projetos envolvendo a Arena do Grêmio e as reformas do Beira-Rio já foi tema deste blog [...]. Por acaso se lembram da repercussão quando os operários da OAS entraram em greve nas obras da Arena? [...] No entanto, quando o assunto é Beira-Rio, pouco se comenta sobre as obras paralisadas por meses, a demora na assinatura do vizinho com a Andrade Gutierrez e a razão disso ainda não ter acontecido.

Nos dois casos, a rivalidade é evidenciada não só nas acusações de manobras políticas, mas também pelo favorecimento por parte de agentes da mídia gaúcha, seja levantando notícias falsas sobre o estádio defendido, seja ocultando acusações voltadas para o rival.

Os feixes originados do segundo grupo de enunciados, por sua vez, podem ser ilustrados na fala de um dos jornalistas entrevistados, quando retrata a presença de rivalidade no início das obras dos dois estádios:

[...] Isto aqui é uma briga que não acaba nunca, né... assim, o que é que eles fizeram no início, politicamente? “Olha, o Inter vai ter uma reforma no estádio; o Grêmio vai ter um estádio novo; isto aqui vai ser um centro de treinamento. Então vamos dar isenções fiscais para todos”. Então tiveram a mesma lei, permitindo as duas coisas. Até aí, a coisa estava apaziguada. No momento em que começa a se discutir quem vai fazer o entorno do estádio, começa o adiamento, que a gente tem até hoje. “Quem vai fazer as estruturas temporárias? São 25 milhões”. A prefeitura: “a gente faz”. “Não... é dinheiro público para o Inter. Não deram esse dinheiro público para o Grêmio”. Entendeu?

O relato do jornalista ilustra como a rivalidade esteve presente nas questões que envolvem o investimento e as ações de esferas do governo na organização da cidade-sede; é mostrado não só a entrega do mesmo benefício (isenção fiscal) para os dois clubes, mas também o questionamento do clube gremista sobre uma obra que seria realizada pela prefeitura local — o que foi visto como um benefício exclusivo para o clube colorado.

Hegemonia colorada

Esta formação discursiva encontra-se alinhada à posição do clube colorado. Com referência à teoria adotada, assumimos que, no contexto da disputa por que clube teria seu estádio escolhido para realizar os jogos da Copa do Mundo em Porto Alegre, trata-se da posição que conseguiu se fixar como hegemônica. Tal posição se ancora em argumentos técnicos, de forma aderente ao discurso dos organizadores da Copa, sobretudo no nível de governo, e à lógica empresarial estabelecida nos ditames previamente definidos para os investimentos, públicos e privados, a serem realizados na reforma e construção de arenas, evitando suscitar uma politização no processo de escolha da representante porto-alegrense.

Isto é evidenciado nos feixes que sustentam as duas regras desta formação discursiva (ver Figura 2). No primeiro grupo (formado a partir de duas funções enunciativas e dois enunciados relacionados em pares), um importante significado de legitimidade da escolha é fixado na ideia de **jogo limpo**; para mostrar que o processo de escolha do estádio foi justo, estão alinhados a esta regra a posição que assume (e legitima) a presença do estádio rival (enunciado 1), assim como é reconhecido o fato do estádio ter tido problemas em suas obras (enunciado 2). Já o segundo grupo é formado a partir da relação da regra de formação **clube escolhido** com uma função enunciativa e dois enunciados, que corroboram as características e a escolha do Beira-Rio; tais enunciados mostram uma relação entre si: o argumento de que o Beira-Rio tenha sido a melhor opção se embasa no destaque ao padrão internacional da arena.

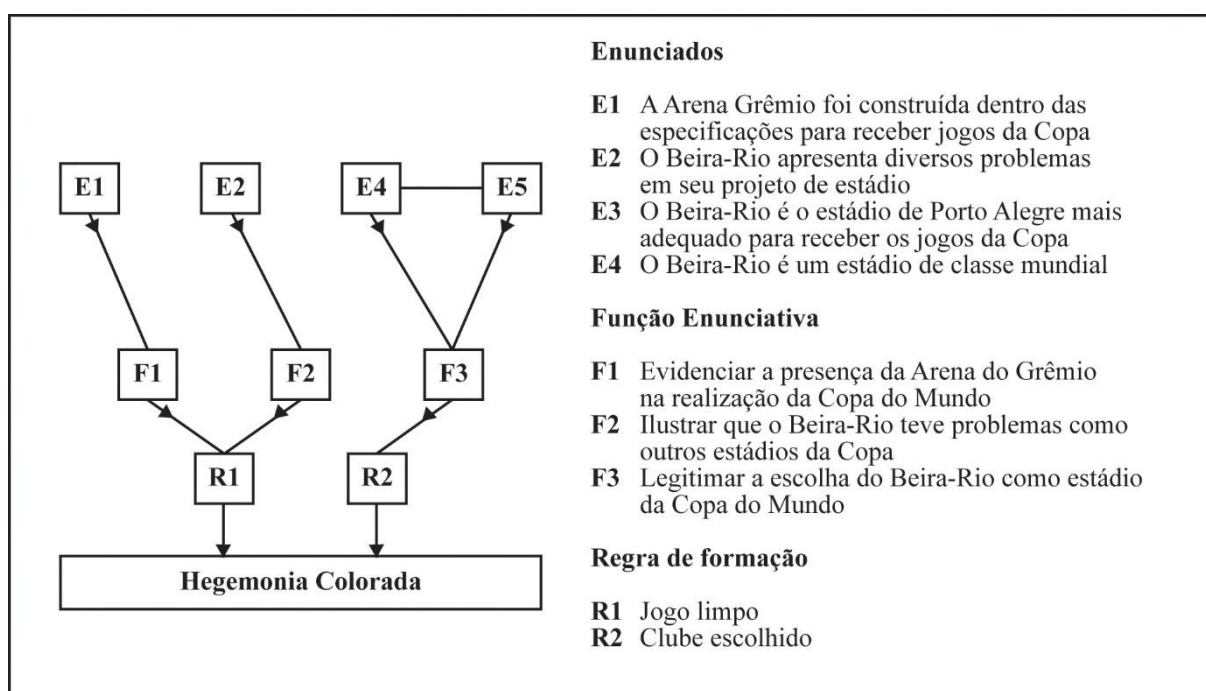


Figura 2 - Mapa de relações da segunda formação discursiva

Fonte: Elaboração dos autores.

É possível identificarmos nesta formação como o discurso pró-Beira-Rio, para se sustentar (segundo grupo), se apropria de aspectos relativos ao discurso gremista (primeiro grupo). Da maneira como isto é feito — valorizando o oponente, mas apenas em termos técnicos; e reconhecendo seus próprios problemas, mas justificando-os — indica uma estratégia de se tentar dirimir a lógica da diferença. Vale destacar que todos os enunciados desta formação advêm dos discursos tanto da sociedade quanto da mídia, sendo que aquele que reconhece os problemas do Beira-Rio (2) e o que afirma o estádio como o mais adequado (3) embasam-se também no discurso oficial. Este arranjo indica uma cadeia de equivalência fortemente alastrada em dois discursos e com a corroboração do terceiro, sempre que possível.

O primeiro feixe de relações da primeira regra de formação evidencia a ideia de que não só o processo de escolha foi justo, como também desfaz as denúncias de favorecimento, ao mostrar que a Arena do Grêmio tem suas qualidades e que também teve um papel importante na Copa do Mundo. O segundo feixe, por sua vez, evidencia o argumento de que os

problemas ocorridos durante a reforma do Beira-Rio não se referem a situações particulares deste projeto, mas comum a outros estádios da Copa.

A segunda regra de formação tem seu feixe de relações formado a partir da conexão da função enunciativa **legitimar a escolha do Beira-Rio como estádio da Copa do Mundo** com os demais três enunciados. Um trecho de entrevista com um porto-alegrense durante a Copa evidencia isso:

A mídia no exterior está considerando o Beira-Rio um estádio extremamente capacitado para receber [jogos d]a Copa; um estádio grande, moderno, [com condições de] receber os turistas.

O cidadão faz uso de supostas informações veiculadas pela imprensa internacional das quais estaria inteirado para justificar a escolha de Porto Alegre. Essa estratégia ilustra o uso de um discurso imparcial e inquestionável — afinal, o que teria a imprensa estrangeira a ganhar com a escolha do Beira-Rio? —, que também busca estabelecer uma equivalência entre os especialistas internacionais e sua opinião.

Antagonismo gremista

Alinhada à posição do Grêmio, esta formação discursiva é contrária à anterior. Seguindo nosso argumento de que, com a escolha do Beira-Rio para sediar a Copa, o discurso colorado tenha se fixado, nesta peleja, como hegemônico, podemos sustentar que o do clube tricolor se coloque antagônico a este. Tal discurso, apesar de, assim como o colorado, tocar em questões técnicas que deveriam embasar a escolha da arena da capital gaúcha no mundial, adentra numa politização acerca de uma argumentada tendenciosidade pró-Beira-Rio. Tal polêmica, por um lado, apresenta-se dissonante da lógica de racionalidade empresarial estabelecida para essa escolha, ao tempo em que suscita um comportamento populista do governo local ao financiar as obras dos dois equipamentos futebolísticos envolvidos no embate.

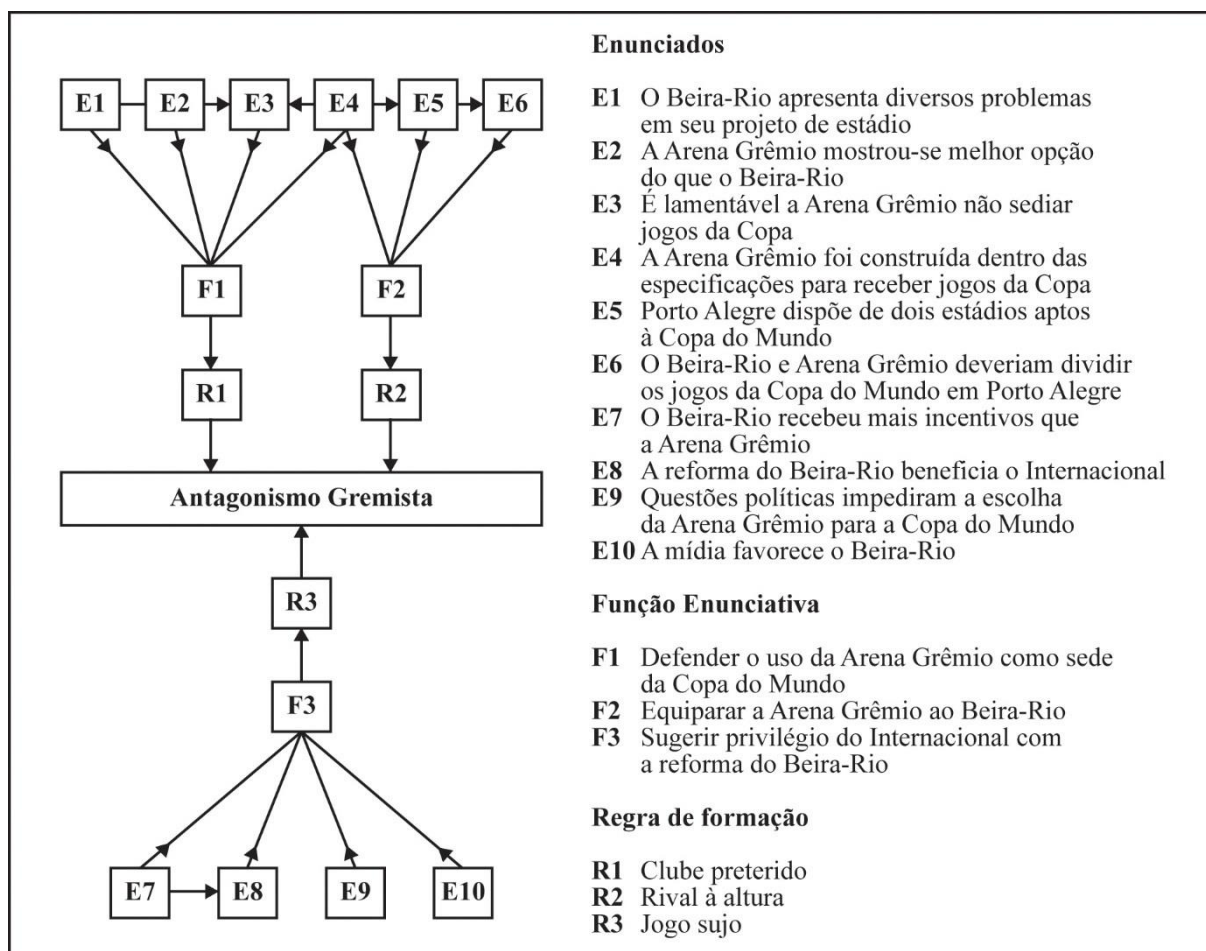


Figura 3 - Mapa de relações da terceira formação discursiva

Fonte: Elaboração dos autores.

A formação é composta por três regras de formação, três funções enunciativas e dez enunciados (vide Figura 3). Dada a presença de três feixes de relações envolvendo regras, funções e enunciados (e de enunciados entre si), fica evidente os argumentos centrais da postura antagonista: a primeira aponta para argumentos que indicam a Arena do Grêmio como escolha ideal para sediar os jogos da Copa (a partir dos enunciados de 1 a 4); temos, nas relações entre enunciados do feixe, a incidência sobre o enunciado **é lamentável a Arena Grêmio não sediar jogos da Copa**, que sintetiza a frustração da não escolha da arena, apesar de seus atributos. O segundo feixe está ligado a argumentos que colocam a Arena do Grêmio em pé de igualdade com o Beira-Rio (a partir dos enunciados de 4 a 6), ideia que fica evidente quando observamos a relação entre os enunciados (o enunciado 4 incide sobre o 5 e este, sobre o 6). Já o terceiro feixe (a partir dos enunciados de 7 a 10) representa argumentos usados para indicar a presença de favorecimento do rival. Neste feixe, temos dois enunciados relacionados (7 e 8) que indicam ações da mídia e do governo local para beneficiar a escolha do Beira-Rio.

A primeira regra de formação, que clama pelo uso do novo estádio, se baseia em enunciados do discurso da sociedade, sendo um deles também da mídia (4) e outro dos três discursos (1). Arranjo semelhante ocorre em relação aos enunciados que dão sustentação à segunda regra de formação, que equipara a Arena Grêmio ao Beira-Rio: todos eles são advindos do discurso da sociedade, sendo um deles também da mídia (4) e outro dos três discursos (5). Por fim, a terceira regra de formação, usada para atacar o adversário como tendo

sido beneficiado, também tem seus enunciados embasados no discurso da sociedade, sendo um deles corroborado pelo da imprensa (9).

Fica evidente como os argumentos da posição gremista se baseiam numa tentativa de estabelecer uma cadeia de equivalência, mas que se encontra embasada fundamentalmente no discurso da sociedade, ainda que com o respaldo da mídia em vários aspectos e dos próprios organizadores em alguns deles. Por outro lado, a regra de formação que denuncia um **jogo sujo** evidencia a diferença de estratégia discursiva da posição gremista em relação à colorada, que opta por um confronto direto, acusando o processo de escolha do estádio do Internacional para sediar jogos da Copa de favorecimento.

A primeira regra de formação — **clube preterido** — é sustentada pela função enunciativa **defender o uso da Arena do Grêmio como sede da Copa do Mundo** e por enunciados que tratam tanto da presença de problemas no Beira-Rio (1), como também dos atributos do estádio tricolor (4) e das constatações e queixas em torno, respectivamente, da superioridade (2) e da ausência (3) da arena gremista em relação ao estádio colorado. Embora também presentes na formação discursiva anterior, os dois primeiros enunciados assumem funções diferentes da primeira ocorrência: aqui, o enunciado que aponta a ocorrência de problemas no Beira-Rio tem o objetivo de desqualificar o estádio rival, enquanto que o enunciado que evidencia o padrão adotado na construção é um dos argumentos centrais para a defesa do uso do estádio tricolor na Copa.

Em busca de evidências desses argumentos, fizemos observações diretas, com registros fotográficos, no entorno do Beira-Rio e da Arena Grêmio a menos de um mês do início da Copa. A observação demonstra que as obras de finalização da reforma ainda estavam a todo vapor — o que se alinha a como este problema (enunciado 1) é usado a favor da posição gremista, mas, por outro lado, justificado pela posição colorada ao indicar que o mesmo ocorreu com outros estádios —, enquanto, na ocasião, a Arena do Grêmio já se encontrava completamente funcional.

A qualidade baseada no padrão Fifa da Arena Grêmio é atestada em matéria publicada em dezembro de 2012 no site Uol Copa, ao noticiar a inauguração do novo estádio. O texto indica ainda uma contradição no fato da arena não sediar jogos da Copa do Mundo:

O Brasil ganha neste sábado seu primeiro estágio adequado às normas da Fifa para jogos da Copa do Mundo. A Arena Grêmio, em Porto Alegre [...] promete oferecer a torcedores e jogadores uma estrutura digna de partidas de um Mundial. Apesar disso, ela não será usada na Copa.

A regra de formação **rival à altura**, por sua vez, está alinhada à ideia de que a Arena do Grêmio tem o mesmo nível de qualidade da arena rival — temos, assim, a função enunciativa **equiparar a Arena do Grêmio ao Beira-Rio** —, estando relacionada ao enunciado que revela que o estádio tricolor foi construído seguindo as especificações da Copa (4), logo, os dois estádios estariam aptos a receber partidas da Copa (enunciado 5), então ambos deveriam ter sido escolhidos (enunciado 6). Esta linha argumentativa pode ser evidenciada por trecho de entrevista realizada com uma porto-alegrense dias após a realização do primeiro jogo da Copa na cidade:

Foi uma boa escolha — fora o áudio, que falhou (risos), o resto foi bom. Mas poderiam ter feito [jogos] na Arena [do Grêmio] e no Beira-Rio, não somente no Beira-Rio. [...] Seria legal fazer essa divisão, até porque a Arena [do Grêmio] foi feita pra isso, né?

Em seu comentário, a cidadã reconhece a qualidade do Beira-Rio — ainda que não deixe escapar a falha do sistema de som do estádio que impediu a execução dos hinos de França e Honduras antes do jogo estre as seleções nacionais —, mas destaca que também a Arena do Grêmio foi feito com vistas a atender as especificações da Fifa, o que poderia levar ambos os estádios a receberem partidas da competição.

Por fim, a regra de formação **jogo sujo** está embasada pela função enunciativa **sugerir privilégio do Internacional com a reforma do Beira-Rio** e pelos enunciados que tratam, em forma de denúncia, da presença de benefícios recebidos pelo Internacional, assim como do fator político na escolha do estádio para a Copa (enunciado 9) e do seu favorecimento pela da mídia (enunciado 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política de identidade nos termos da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2014) deve ser entendida como um processo contínuo de busca pelo estabelecimento de um discurso hegemônico que, por sua vez, nunca se estabiliza em definitivo, posto que outros discursos buscarão irromper sua condição e ocupar este espaço. Resgatar esta noção é fundamental para refletirmos sobre os achados desta investigação. Nossos resultados não tratam das identidades *per se* dos dois maiores times de futebol sul-rio-grandenses; de fato, sequer apontam para tais identidades propriamente ditas, mas para formações discursivas que revelam os argumentos utilizados sobre que clube deveria ter seu estádio escolhido para sediar os jogos da Copa do Mundo 2014 em Porto Alegre, o que perpassa essas duas posições identitárias.

A primeira formação discursiva identificada corrobora a rivalidade entre colorados e gremistas e como esta foi acirrada em virtude da disputa por sediar jogos do mundial, enfatizando como a grenalização se fez uma política relevante neste processo. As outras duas formações, por sua vez, revelam a posição discursiva de cada parte envolvida no processo, por meio das quais cada clube buscou legitimar-se como melhor opção.

Começando nossa reflexão pela primeira formação discursiva, podemos identificar como a rivalidade histórica entre gremistas e colorados extrapola o âmbito puramente desportivo e se estabelece num campo político. O entendimento de que tenha sido a grenalização que levou o governo local a prover ambos os clubes com incentivos originalmente planejados apenas para aquele que tivesse seu estádio escolhido para a Copa é emblemático disto. Neste caso, vemos como a lógica de desenvolvimento baseada na eficiência gerencial e divisão de riscos que se apresentou como princípio da Matriz de Responsabilidades da Copa do Mundo 2014, foi suplantada por uma prática patrimonialista, típica da sociedade oligárquica (pré-burocrática) brasileira, em que a máquina estatal é usada para suprir interesses particulares. Por outro lado, fica evidente o entendimento de que, a despeito deste benefício mútuo, este nível de acirramento dificulta os negócios de cada clube, uma vez que patrocinadores temem que, ao optarem por um deles, sejam entendidos como tomando partido por uma das causas. Por fim, também é evidente como tal forma de pressão passa pelo estabelecimento de uma postura em que cada lado se coloca como preterido pelas decisões e opiniões de outros agentes, vide, por exemplo, a mídia ser acusada de favorecer a ambos, o que revela uma conduta defensiva das duas partes. Tal postura, bem como o estabelecimento da escolha da arena para o mundial, foi fundamental para que se pressionasse o governo local a atuar em prol do benefício às duas partes, numa decisão que pode ser considerada

populista, posto que se apresenta como favorável às duas torcidas, que representam a grande massa populacional do estado. Tudo isto é o que nos leva a entender que esta rivalidade se estabelece como antagonismo político.

Nas formações discursivas referentes às posições em oposição, identificamos um argumento comum: cada clube defende que seu estádio seja a melhor opção para sediar os jogos da Copa do Mundo. Tal argumento, por sua vez, é estabelecido por meio de uma mesma estratégia nos discursos de gremistas e colorados: ambos se beneficiam dos argumentos que lhes são favoráveis, independentemente de a que campo discursivo advenham, o que indica uma busca de estabelecimento de cadeias de equivalência. Com base na teoria adotada, isso faz sentido, uma vez que se trata da maneira mesma de se estabelecer um antagonismo reduzido a suas partes. Entretanto, a maneira como este processo é operado neste caso em particular deve ser problematizado. As duas posições constroem um mesmo significativo vazio, de caráter técnico, baseado no padrão Fifa para definir a escolha dos estádios para a competição mundial, em que as duas opções se apresentam como a mais adequada. Ao escolherem esta opção, os clubes apresentam uma estratégia alinhada ao discurso de eficiência gerencial e performática da Matriz de Responsabilidades da Copa do Mundo 2014, o que, por sua vez, estabelece um alibi para que seis projetos sejam aprovados para financiamento pelo governo local. Entretanto, isso não privilegiaria o discurso hegemônico, uma vez que não se verifica uma equivalência antagônica que se utilizasse de uma diferença para desestabilizá-lo? Pelos menos duas explicações podem ser buscadas aqui: a primeira é a de que gremistas e colorados optaram por jogar o jogo da entidade organizadora e, assim, não conseguiram estabelecer diferenças centrais entre seus argumentos; a segunda é de que não haja um discurso hegemônico estabelecido, seja neste processo particular, seja na rivalidade em si.

A diferença entre as estratégias discursivas está nas regras de cada formação que indicam em que aspectos gremistas e colorados discernem seus argumentos: na defesa da Arena do Grêmio, estabelece-se, por um lado, uma equiparação entre esta e o estádio concorrente e, por outro, indica-se que o oponente tenha obtido privilégio político; na defesa do Beira-Rio, por sua vez, a postura é de se reconhecer as qualidades da arena rival e os próprios problemas da reforma do estádio, o que é justificado. Assumindo que a política de financiamento público das arenas privadas sul-rio-grandenses se apoie numa lógica baseada na NPM, a postura gremista cria uma rusga com o governo local, enquanto a conduta colorada permanece fiel a esse discurso.

O fato em si do Beira-Rio ter sido o estádio gaúcho escolhido para representar Porto Alegre na Copa não é o que nos leva a definir o discurso colorado como hegemônico — afinal, tal escolha poderia não ter sido legitimada —, mas onde seus argumentos diferem do gremista. Enquanto este acusa o Internacional de ter sido favorecido pelos organizadores do evento, aquele justifica as dificuldades encontradas na reforma do Beira-Rio ao evidenciar que o mesmo aconteceu com outras arenas; se as acusações gremistas não são evidenciadas, a justificativa colorada reduz seu argumento a uma esfera técnica, ao invés de apresentar uma defesa. Ao contrário, reconhece a qualidade da Arena do Grêmio, enquanto o discurso gremista, neste plano (técnico), não refuta o Beira-Rio.

Temos, pois, que na diferença entre os discursos, o colorado mantém-se firmemente vinculado ao significativo vazio, estabelecendo um ponto nodal em torno de critérios técnicos. Ao equiparar a Arena do Grêmio ao Beira-Rio, o discurso gremista nem consegue legitimar seu estádio como a melhor opção, nem deslocar o foco do debate para o plano ético,

que seria uma arena de conflito alternativa, já que usou o argumento do privilégio ao seu opositor.

É importante registrar que não estamos afirmando que haja uma hegemonia da identidade colorada sobre a gremista, apenas argumentando que, no que se refere à luta pelo estabelecimento de um discurso hegemônico em relação à escolha do estádio porto-alegrense na Copa, o discurso colorado apresenta características hegemônicas, evidentes nos argumentos sobre os quais se apoiou, fruto de uma estratégia que, a despeito da rivalidade clubística, optou pelo não confronto, o que parece ter tido papel decisivo na legitimação da escolha do Beira-Rio.

Acreditamos que o presente estudo oportunize uma importante reflexão a respeito da relevância política de ações pouco comumente associadas a esta esfera. Mais do que um simples desporto ou entretenimento, o futebol tem se mostrado cada vez mais apto a congregar interesses e ideologias que não raramente extrapolam esses campos. Por outro lado, aponta para a força política de alguns clubes de futebol, fortemente amparada por suas grandes torcidas, que encontram em seus times de coração esteios identitários. Além disso, nossos achados ilustram a presença do governo como agente participante da disputa entre os dois clubes, revelando, em sua postura, discrepâncias que evidenciam uma política que vai da lógica empresarial neoliberal do estado mínimo eficiente, até uma tradição patrimonialista com tons do populismo tipicamente latino-americano. Assim, o fenômeno aqui estudado se revela emblemático da Administração Pública brasileira e suas idiosincrasias.

Sendo assim, entendemos que o presente estudo apresente como contribuição, no plano teórico, a relevância de se observar a suscetibilidade da Administração Pública às ações de política identitária. Para além do fenômeno particular investigado, tais práticas apresentam-se de forma cada vez mais relevante e encontram-se em franca expansão, sobretudo no que diz respeito a identidades historicamente estigmatizadas (e.g., étnicas, de gênero, de orientação sexual). Por outro lado, o estudo apresenta também uma reflexão sobre como um fenômeno particular e aparentemente localizado (i.e., grenalização) – tanto geograficamente, quanto em termos de limitado ao campo desportivo – pode se fazer potente num âmbito mais amplo, como é o caso da administração pública, passando a envolver interesses de governo e a própria máquina estatal.

Reconhecemos como limitação do estudo não termos contado com entrevistas junto a organizadores do evento, representantes do governo e dirigentes dos clubes. Isto se deveu à dificuldade de acesso a esses agentes. Por outro lado, vemos como possíveis desdobramentos deste estudo a investigação dos efeitos da grenalização em outras situações de relevância social, econômica e política, bem como a possibilidade de se identificar situações semelhantes acerca da definição dos estádios da Copa do Mundo em outras cidades, sobretudo em casos de escolha de estádios particulares (i.e., Curitiba e São Paulo).

REFERÊNCIAS

ALLIATTI, A. Teixeira avisa federação gaúcha: Copa pode ser na Arena do Grêmio. **Globoesporte.com**, 20 out. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/10/fgf-inter-fica-fora-da-copa-das-confederacoes-e-pode-perder-copa-para-o-gremio.html>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

ANGNES, J. S. et al. Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF): descrevendo as principais ações voltadas ao desenvolvimento regional a partir da perspectiva do poder público municipal. **Revista de Administração Pública**, v. 47, n. 5, p. 1165-1188, set./out. 2013.

ANJOS, M. Atlético e Cruzeiro e a desnecessária grenalização. **Márvio dos Anjos**, 12 nov. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/marvio-dos-anjos/-post/atletico-x-cruzeiro-ou-como-diminuir-o-maior-dos-classicos.html>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

ASHWORTH, R. et al. Theorizing contemporary public management: international and comparative perspectives. **British Journal of Management**, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2013.

AWORTWI, N. An unbreakable path? A comparative study of decentralization and local government development trajectories in Ghana and Uganda. **International Review of Administrative Sciences**, v. 77, n. 2, p. 347-377, 2011.

BARCLAY, J. Predicting the costs and benefits of mega-sporting events: misjudgement of Olympic proportions? **Economic affairs**, v. 29, n. 2, p. 62-66, 2009.

BAYOLI, L.; BEKKER, M. Causes of construction cost and time overruns: The 2010 FIFA World Cup stadia in South Africa. **Acta Structilia**, v. 18, n. 1, p. 51-67, 2011.

BELTRAN, C. **The trouble with unity**: latino politics and the creation of identity. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BENEDICTO, S. C. et al. Governança corporativa: uma análise da aplicabilidade dos seus conceitos na Administração Pública. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 15, n. 2, p. 286-300, 2013.

BENITES, D. Arena x Beira-Rio: uma comparação incomparável. **Grêmio1903**, 13 set. 2011. Disponível em: <<http://blog.gremio1903.net/2011/09/13/arena-x-beira-rio-uma-comparacao-incomparavel/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

BENNET, W. L. The personalization of politics: political identity, social media, and changing patterns of participation. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 644, n. 1, p. 20-39, 2012.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Gestão do setor público: estratégia e estrutura para um novo Estado. In: BRESSER-PEREIRA, L. C.; SPINIK, P. (Orgs.). **Reforma de Estado e Administração Pública Gerencial**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 21-38.

BRIEDENHANN, J. 2011. Economic and tourism expectations of the 2010 FIFA World Cup: a resident perspective. **Journal of Sport & Tourism**, v. 16, n. 1, p. 5-32, 2011.

BRINKERHOFF, D. W.; BRINKERHOFF, J. M. Public-private partnerships: perspectives on purposes, publicness, and good governance. **Public administration and development**, n. 31, p. 2-14, 2011.

CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope: social movements in the Internet Age**. 2 ed. Cambridge: Polity Press, 2015.

CILLIERS, P. Complexity, poststructuralism and organization. In: ALLEN, P.; MAGUIRE, S.; MCKELVEY, B. (orgs.). **The Sage handbook of complexity and management**. London: SAGE Publications, 2011, p. 142-154.

CORNELISSEN, S. More than a sporting chance? Appraising the sport for development legacy of the 2010 FIFA World Cup. **Third world quarterly**, v. 32, n. 3, p. 503-529, 2011.

DALONSO, Y. S.; LOURENÇO, J. M. B. B. O Brasil e a Copa do Mundo FIFA 2014: um olhar além dos holofotes. In: International Conference on Tourism & Management Studies, 7., 2011, Algarve. **Anais...** Algarve: School of Management, Hospitality and Tourism of the University of the Algarve, 2011, p. 518-528.

DOMINGUES, E. P.; BETARELLI JR, A. A.; MAGALHÃES, A. S. 2011. Quanto vale o show? Impactos econômicos dos investimentos da Copa do Mundo 2014 no Brasil. **Estudos Econômicos**, v. 41, n. 2, p. 409-439.

FELLET, J. Valeu a pena para o Rio? Após encerramento da Olimpíada, legado dos Jogos vira foco de debate. **BBC**, 22 ago. 2016. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37149470>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

FERNANDEZ, R. N. e al. Uma abordagem de law & economics para as parcerias público-privadas no Brasil. **Economic Analysis of Law Review**, v. 5, n. 2, p. 205-219, 2014.

FONSECA, P. C. D.; MONTEIRO, S. M. M. Credibilidade e populismo no Brasil: a política econômica dos governos Vargas e Goulart. **Revista Brasileira de Economia**, v. 59, n. 2, p. 215-243, 2005.

FORMAN, P. (Re)cognizing postmodernity: helps for historians — of science especially. **Berichte zur Wissenschaftsgeschichte**, v. 33, n. 2, p. 157-175, 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FREITAS, A. F.; FREITAS, A. F.; DIAS, M. M. O colegiado de desenvolvimento territorial e a gestão social de políticas públicas: o caso do Território Serra do Brigadeiro. **Revista de administração pública**, v. 46, n. 5, p. 1201-1223, set./out. 2012.

GIAMPICCOLI, A.; NAURIGHT, J. Problems and prospects for community-based tourism in the New South Africa: The 2010 FIFA World Cup and beyond. **African Historical Review**, v. 42, n. 1, p. 42-62, 2010.

IVIC, S.; LAKICEVIC, D. D. European identity: between modernity and postmodernity. **Innovation**, v. 24, n. 4, p. 395-407, 2011.

KJÆR, A. M. Rhode's contribution to governance theory: praise, criticism and the future governance debate. **Public Administration**, v. 89, n. 1, p. 101-113, 2011.

KLERING, L. R.; PORSSE, M. C. S. Em direção a uma administração pública brasileira contemporânea com enfoque sistêmico. **Desenvolvimento em questão**, v. 12, n. 25, p. 41-80, jan./mar. 2014.

LACLAU, E.; MOUFFE, E. **Hegemony and socialist strategy**: towards a radical democratic politics. 3 ed. London/New York: Verso, 2014.

LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B.; VIEIRA, R. S. G. O papel da teoria no método de pesquisa em administração. **Organizações em Contexto**, v. 5, n. 10, p. 1-16, 2009.

LEPIANI, G. Nova Arena do Grêmio: pronta para 2014 — e fora da Copa. **Veja**, 8 dez. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-nova-arena-gremio-pronta-para-20-14-mas-fora-da-copa/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

LEPP, A.; GIBSON, H. Reimagining a nation: South Africa and the 2010 FIFA World Cup. **Journal of Sport & Tourism**, v. 16, n. 3, p. 211-230, 2011.

LIMA, C. M. C.; COELHO, A. C. Alocação e mitigação dos riscos em parcerias público-privadas no Brasil. **Revista de administração pública**, v. 49, n. 2, p. 267-291, mar./abr. 2015.

LYOTARD, J-F. **A condição pós-moderna**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

MAGUIRE, J. Invictus or evict-us? Media images of South Africa through the lens of the FIFA World Cup. **Social Identities: journal for the study of race, nation and culture**, v. 17, n. 5, p. 681-694, 2011.

MARQUES, R. M.; MENDES, A. O social no Governo Lula: a construção de um novo populismo em tempos de aplicação de uma agenda neoliberal. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 1, p. 58-74, 2006.

MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, n. 19-20, p. 61-70, 2005.

MEER, N. **Citizenship, identity and the politics of multiculturalism**: the rise of Muslim consciousness. London: Palgrave Macmillan, 2010.

MOLLOY, E.; CHETTY, T. The Rocky Road to legacy: lessons from the 2010 FIFA World Cup South Africa stadium program. **Project Management Journal**, v. 46, n. 3, p. 88-107, 2015.

NGONYAMA, P. The 2010 FIFA World Cup: critical voices from below. **Soccer & Society**, v. 11, n. 1-2, p. 168-180, 2010.

OLIVEIRA, L. Leonardo Oliveira: grenalização tem limite. **ZH Esportes**, 4 abr. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/04/leonardo-oliveira-grenalizacao-tem-limite-4733353.html>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

PAES-DE-PAULA, A. P. Administração pública brasileira. Entre o gerencialismo e a gestão social. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, 2005.

PAIVA Jr., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

PECI, A.; PIERANT, O. P. RODRIGUES, S. Governança e o new public management: convergências e contradições no contexto brasileiro. **Organizações & Sociedade**, v.15, n.46, 2008.

PEIXOTO, M. Pelo fim da grenalização da Copa. **Catimba colorada**, 3 jul. 2012. Disponível em: <<http://catimbacolorada.blogspot.com.br/2012/07/pelo-fim-da-grenalizacao-da-copa.html>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

PLESSIS, S.; MAENNIG, W. The 2010 FIFA World Cup high-frequency data economics: effects on international tourism and awareness for South Africa. **Development Southern Africa**, v. 28, n. 3, p. 349-365, 2011.

RUTHERFORD, T. De/Re-Centring work and class? A review and critique of labour geography. **Geography Compass**, v. 4, n. 7, p. 768-777, 2010.

SAMIOS, E. M. B.; XAVIER, F. W. 2013. A Copa do Mundo de 2014 em Porto Alegre. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 15., 2013, Recife. **Anais...** Recife: ANPUR, 2013, p. 1-19.

SECCHI, L. Modelos organizacionais e as reformas da Administração Pública. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 2, p. 347-69, 2009.

SOUZA, B. Estádios vazios e obras inacabadas: o legado da Copa. **Exame**, 13 set. 2016. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/estadios-vazios-e-obras-inacabadas-o-legado-da-copa/>>. Acesso em 06 jun. 2017.

WHISMAN, V. **Queer by choice**: lesbians, gay men, and the politics of identity. London: Routledge, 2012.

ŽIŽEK, S. Multiculturalism, or, the cultural logic of multinational capitalism. **New Left Review**, n. 225, p. 28-51, 1997.